

# **Ideologia e Poder:** **As Relações de Dominação em *Força-Tarefa* (2009)**

*Ideology and Power:*  
*The Relations of Domination in *Força-Tarefa* (2009)*

**Andrei Maurey**

Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio

Doutorando em Comunicação Social pela PUC-Rio, Mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio (2018), Pós-Graduado em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio (2016), Pós-Graduado em História da Sociedade Brasileira pela UVA (2015), Pós-Graduado em Roteiro para Cinema e TV pela UVA (2013), Graduado em Cinema pela UNESA (2011). É integrante do Grupo de Pesquisa do Laboratório de Movimentos Sociais e Mídia, da IUPERJ. É membro do corpo editorial da Revista Entropia, da IUPERJ. Tem experiência na área de estudos de Mídia, Ideologia e Televisão, Teoria da Ficção e Ficções Seriadas, Análise da Estrutura Narrativa, Estrutura Dramática e Roteiro Audiovisual.

## **RESUMO**

O lugar ocupado pela mídia na sociedade contemporânea é evidente em diversas esferas da vida social. Com isso em mente, é imprescindível observarmos o alcance das obras audiovisuais da televisão e compreendermos como as ficções seriadas reproduzem e disseminam ideologia. Para tanto, tomamos a ficção seriada *Força-Tarefa* (2009) e, com uma análise dos episódios de sua primeira temporada, buscamos desvelar como suas formas simbólicas são representadas de modo a sustentar e justificar relações assimétricas de poder (de dominação). Defendemos que ao examinarmos essas representações socioculturais, obtemos ferramentas poderosas para descobrirmos que visões de mundo atuam nesse “engessamento” do imaginário, legitimando conceitos precipitados acerca de classe, gênero, raça, etc.

**Palavras-Chave:** comunicação; ideologia; poder; televisão; ficções seriadas.

## **ABSTRACT**

The place occupied by the media in contemporary society is evident in several spheres of social life. With this in mind, it is imperative to look at the reach of television's audiovisual works and to understand how fiction series reproduce and disseminate ideology. To do so, we took the series *Força-Tarefa* (2009) and, with an analysis of the episodes of its first season, we seek to reveal how its symbolic forms are represented in order to sustain and justify asymmetric relations of power (of domination). We argue that by examining these sociocultural representations, we gain powerful tools for discovering what visions of the world work in this “plastering” of the imaginary, legitimizing precipitous concepts about class, gender, race, etc.

**Keywords:** communication; ideology; power; television; fiction series.

## 1. Introdução

O início do século XXI foi marcado, no campo da comunicação, pela expansão da televisão, e da mídia<sup>1</sup> em geral, para novos territórios. Nos anos 1950, ela já demonstrava sua força, chegando em grande quantidade a inúmeros lares europeus e norte-americanos, tornando-se instrumento fundamental para e na reconfiguração das relações socioculturais. Com a virada do milênio, ela desencadeou novos processos que foram responsáveis por novas marcas indelévels para as sociedades ocidentais. As enormes audiências, mantidas por décadas pelos grandes conglomerados, hoje em dia, são ainda mais vastas<sup>2</sup>, pois seus conteúdos ultrapassaram as barreiras impostas pelo próprio aparelho físico e pela grade de horários das televisões abertas e pagas, isto é, elas podem ser assistidas tanto a qualquer momento ou em qualquer dispositivo<sup>3</sup>, ampliando sua força dominante:

A cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola, a Igreja como árbitros do gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação (Kellner, 2001, p.27).

O lugar ocupado pela mídia no âmbito social contemporâneo é evidente, e seus efeitos são extensivos e contribuem para um profundo impacto nas sociedades. Não há mais espaço exterior à mídia, ela está presente e atua modelando as esferas da vida social. Nesse sentido, partindo do pressuposto de que parte do imaginário sociocultural forma-se e é constantemente reformulado pelos textos midiáticos, sobretudo a televisão (devido ao alcance e a grande disseminação de suas informações), defendemos a importância do exercício da análise crítica, a fim de nos tornarmos capazes de resistir à sua manipulação. Somente através da mesma, podemos dissecar seus conteúdos e obter respostas concretas acerca da relação da mídia televisiva com o modo de produção que a engendra; as ideias que constituem a produção de sentido no conteúdo televisivo; os fenômenos representados e a relação com a sociedade; os discursos que percorrem seus fluxos diários de programação (e seus possíveis propósitos); os interesses particulares por detrás da construção dessas narrativas; a espetacularização de assuntos do cotidiano para fins político-ideológicos, etc.

O presente artigo visa, portanto, fazer uma análise das formas simbólicas presentes na primeira temporada da ficção seriada brasileira *Força-Tarefa* (2009), buscando desvelar elementos e fatores que comprovam uma reprodução ideológica, isto é, pretendemos mostrar como as formas simbólicas são representadas de modo a sustentar e justificar relações assimétricas de poder<sup>4</sup>.

Com isso em mente, defendemos que ao examinarmos essas representações socioculturais, obtemos ferramentas poderosas para descobrirmos que visões de mundo atuam nesse “engessamento” do imaginário, legitimando conceitos precipitados acerca de classe, gênero, raça, etc. Primeiramente, faremos um apanhado geral em torno da categoria ideologia para, em seguida, expormos o conceito elaborado por John Thompson e os modos de operações utilizados em nossa análise.

## 2. Imagens Poderosas: A Paralisia da Vontade Social

A categoria básica para a análise da comunicação e da cultura é a ideologia (Cohn, 1973, p.161).

Primeiramente, compreendemos que a categoria *ideologia crítica* é deveras polêmica e, tendo atravessado os últimos séculos como ponto nevrálgico de inúmeros debates; até a presente data, ainda não se pode dá-la como encerrada. Sua produção acadêmica continua bastante acirrada nas universidades estrangeiras, principalmente as norte-americanas e inglesas, ao contrário do Brasil, onde ela vem carecendo de mais abordagens e perspectivas teóricas<sup>5</sup>. Por isso, defendemos a importância dos estudos sobre ideologia crítica no Brasil, pois uma melhor elaboração e esclarecimento acerca de seu conceito tornarão mais produtivas as pesquisas nessa área, gerando críticas mais contundentes à dominação.

Ao contrário do que alguns autores sugerem, não estamos vivendo o fim da ideologia. “A cultura industrial avançada é mais ideológica que sua predecessora, visto que, atualmente, a ideologia está no próprio processo de produção” (Marcuse, 1973, p.31). Se antes o processo de compreensão da reprodução ideológica já se tratava de difícil, porém importante tarefa; nos dias de hoje, torna-se ainda mais imprescindível entender o papel das ideias, dos valores e como determinadas representações sociais existentes em uma sociedade asseguram certa coesão e servem de manutenção do *status quo*, paralisando a vontade social.

Atualmente, há vários significados para ideologia, utilizados em diversos estudos e debates críticos e é evidente que nem todos são compatíveis entre si. Terry Eagleton lista algumas definições em circulação:

- 1) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social;
- 2) um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social;
- 3) ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- 4) ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- 5) comunicação sistematicamente distorcida;
- 6) aquilo que confere certa posição a um sujeito;
- 7) formas de pensamento motivadas por interesses sociais;
- 8) pensamento de identidade;
- 9) ilusão socialmente necessária;
- 10) a conjuntura de discurso e poder;
- 11) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo;
- 12) conjunto de crenças orientadas para a ação;
- 13) a confusão entre realidade linguística e realidade fenomenal;
- 14) oclusão semiótica;
- 15) o meio pelo qual os indivíduos vivenciam as suas relações com uma estrutura social;
- 16) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural (Eagleton, 1997, p.15-6)

É notória a possibilidade de algumas formulações serem compatíveis, outras de serem antagônicas. Para suprimir o que seriam incontáveis parágrafos explicativos, o pensador inglês nos oferece um conceito geral:

A ideologia não é, em primeiro lugar, um conjunto de doutrinas; ela representa a maneira como os homens exercem seus papéis na sociedade de classes, os valores, as ideias e as imagens que os amarram às suas funções sociais e assim evitam que conheçam verdadeiramente a sociedade como um todo (Eagleton, 2011, p.36).

Para Michael Löwy (2010), ideologia possui uma perspectiva neutra, isto é, ele propõe o termo “visão de mundo” como forma de designar uma concepção da realidade social. Dessa forma, uma visão de mundo *ideológica* é aquela que serve para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo; e *utópica* quando tiver uma função subversiva da mesma. Para nós, é suficiente demonstrar que para a ideologia ser eficaz, ela deve gerar um sentido na vida das pessoas, ou seja, deve assegurar uma base mínima na qual os indivíduos reconheçam sua realidade social:

Como nos lembra Jon Elster (1982), “as ideologias dominantes podem moldar ativamente as necessidades e os desejos daqueles a quem elas submetem”; mas devem também comprometer-se, de maneira significativa, com as necessidades e desejos que as pessoas já têm, (...) Em resumo, para terem êxito, as ideologias devem ser mais do que ilusões impostas e, a despeito de todas as suas inconsistências, devem comunicar a seus sujeitos uma versão da realidade social que seja real e reconhecível o bastante para não ser peremptoriamente rejeitada<sup>6</sup> (*apud* Eagleton, 1997, p.26-7).

Outro autor fundamental é Robin Blackburn (1974), que tem como objetivo investigar a ideologia que defende de forma coerente a organização social existente no mundo capitalista:

essa ideologia é sistematicamente pessimista quanto às possibilidades de atacar a repressão e a desigualdade: nesta base constrói teorias da família, da burocracia, da revolução social, da democracia, que implicam, todas elas, a impossibilidade de superação das instituições sociais existentes (Blackburn, 1974, p.5).

Esse historiador socialista britânico discute, em grande parte, a produção acadêmica burguesa, cuja linha de raciocínio, em várias obras, aponta para o envolvimento das massas e a participação política como sendo uma enorme ameaça à democracia (burguesa); e deve, portanto, ter sua força reduzida (Ibid., 1974). Por isso ele se preocupa com a ideologia predominante nas ciências sociais ensinadas nas universidades britânicas, onde talham-se conceitos para encobrir determinados aspectos e concluir que todas as tentativas de desafio ao *status quo* são irracionais. Além disso, como no sistema capitalista a força de trabalho se tornou mercadoria e, aparentemente, uma relação entre coisas<sup>7</sup>, o autor afirma que:

Tudo conspira para dar a estas relações sociais objetivas de exploração a aparência de fatos naturais, inevitáveis. Posto que uma economia capitalista não é controlada pelos homens, sequer por um grupo social, o seu funcionamento tem a força de leis naturais (Blackburn, 1974, p.64).

Por conseguinte, se a economia capitalista aparenta se movimentar sozinha, sem o controle humano para girar suas engrenagens, ela atua sem sujeitos e sem “culpados”, diluindo quaisquer possibilidades de transformação social. E assim, “o alvo da maior parte da teoria burguesa é corroer a ideia de que os homens podem alguma vez transformar a sociedade - a sua função é induzir uma mórbida paralisia da vontade social” (Ibid., 1974, p.31).

Em posição similar, Roland Barthes (2003) fala da ideologia burguesa e sua contínua transformação dos produtos da História. Ele alerta para o fato da burguesia se definir como a classe social que não deseja ser denominada e esse anonimato se torna mais espesso nas suas formas propagadas, que

alimentam a moral cotidiana, isto é, as cerimônias civis e os ritos profanos. Tudo está mergulhado nela: a imprensa, o teatro, o cinema, a literatura, a Justiça, a diplomacia, o crime que julgamos, o casamento que nos comovemos, a cozinha com que sonhamos, o vestuário que usamos, etc. (p.231-2). A ideologia dominante, portanto, é capaz de nos fazer acreditar que o curso natural na evolução das sociedades é único, não tendo outra opção a recorrer. Com isso, tornamo-nos alvos constantes dessa reprodução:

praticadas no nível nacional, as normas burguesas são vividas como leis evidentes de uma ordem natural: quanto mais a classe burguesa propaga as suas representações, mais elas se tornam naturais (Barthes, 2003, p.232).

Segundo ele, a burguesia camufla ininterruptamente a perpétua fabricação do mundo, inventaria seus bens, embalsama-os e injeta no real uma essência purificadora que lhe interrompe a fuga para outras formas de existência (Barthes, 2003, p.247). Esse processo é deveras complexo, com imbricações econômicas, políticas, sociais, etc., e por isso reiteramos a necessidade de percebermos as maneiras com que ela reproduz as relações do modo de produção capitalista. Após essa breve apresentação, na próxima parte, iremos expor o conceito de ideologia crítica e seus respectivos modos de operações utilizados em nossa análise.

### 3. As Formas Simbólicas e o Sentido a Serviço da Dominação

A análise da ideologia, (...) está primeiramente interessada com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder (Thompson, 2009, p.76).

John B. Thompson foca sua atenção para os processos sociais e para as formas simbólicas contidas neles. Nem todas elas contêm ideologia, mas é através delas que a mesma encontra subterfúgios para a ação. Em outras palavras, a ideologia é o *sentido* atrelado às formas simbólicas no intuito de manter e sustentar relações de dominação. Os usos sociais das formas simbólicas como ideológicas exige uma análise em relação aos contextos sócio-históricos específicos nos quais elas são desenvolvidas. Assim, sua preocupação recai sobre o *modi operandi* com os quais as formas simbólicas estabelecem e sustentam relações assimétricas de poder nos contextos em que são produzidas, transmitidas e recebidas. Concentrando seus estudos para um aspecto da vida social tão real quanto quaisquer outros, ele parte do conceito

de ideologia como “ilusões”, “ideias fixas”, “espíritos” ou “fantasmas” que andam junto do povo, procurando e despertando as suas superstições e preconceitos (Thompson, 2009, p.58), e o remonta à luz das condições e variados aspectos das instituições modernas de comunicação de massa. Há três aspectos fundamentais que necessitam elucidação:

1) *A noção do sentido*: baseada na concepção simbólica de Geertz, é o significado que incorpora as formas simbólicas. O autor distingue cinco aspectos das formas simbólicas (Thompson, 2009, p.183-193): i) o *intencional*: as formas simbólicas são expressões de um sujeito e para um sujeito (ou sujeitos); ii) o *convencional*: a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos; iii) o *estrutural*: as formas simbólicas são construções que exibem uma estrutura articulada, isto é, consistem de elementos que se colocam em determinadas relações uns com os outros; iv) o *referencial*: as formas simbólicas são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa; v) o *contextual*: as formas simbólicas estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro do quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas<sup>8</sup>. Por último, ele ressalta: “a inserção destas em contextos sociais implica que, além de serem expressões de um sujeito, (...) as formas simbólicas podem carregar traços, de diferentes maneiras, das condições sociais de sua produção” (Thompson, 2009, p.193).

2) *O conceito de dominação*: as relações sistematicamente assimétricas de poder, isto é, determinados grupos possuem poder de maneira permanente, sendo inacessível a outros grupos ou indivíduos. Para que possamos compreender esse conceito, devemos esclarecer os aspectos acerca dos *campos de interação*, concebidos como um espaço<sup>9</sup> onde os indivíduos ocupam determinadas posições e seguem diferentes trajetórias. Esse processo é determinado pela quantidade, volume e a distribuição de recursos, ou “capital”. Há três principais: i) *capital econômico*, a propriedade e os bens; ii) *capital cultural*, as habilidades, o conhecimento adquirido e as qualificações; iii) *capital simbólico*, o prestígio, os méritos e o reconhecimento. Dito isso, Thompson denomina de *estrutura social*, as assimetrias e diferenças relativamente estáveis que caracterizam os campos e as instituições sociais, isto é, as assimetrias em termos de distribuição de, e acesso a, recursos de vários tipos, poder, oportunidades e chances na vida. Para o autor, “poder é a capacidade de agir na busca de seus próprios objetivos e interesses: um indivíduo tem poder de agir, poder de intervir em uma sequência de eventos e alterar seu curso”

(Thompson, 2009, p.199). O indivíduo, portanto, age de uma determinada forma, empregando seus recursos disponíveis; e a capacidade que ele tem de agir depende diretamente de sua posição dentro de um campo ou instituição. Por conseguinte, as relações de poder serão consideradas de dominação quando grupos ou indivíduos possuem um poder de maneira estável, de modo que exclua, ou se torne inacessível, a outros.

3) *As diferentes formas como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação*: há inúmeras maneiras para isso, principalmente ao prestarmos atenção à interação entre sentido e poder nas instâncias da vida social, isto é, através dos modos de operações gerais da ideologia (os *modi operandi*), atrelados a estratégias típicas de construção simbólica. Eles são (Thompson, 2009, p.81-89):

- i) *A Legitimação*, afirma que as relações de dominação precisam ser representadas como justas e dignas de apoio. Entre as estratégias, encontramos: i) a *racionalização*, quando o produtor, de uma forma simbólica, cria uma cadeia de raciocínio pela qual procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais e com isso persuadir a audiência; ii) a *universalização*, os acordos que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos, e estão sempre abertos a qualquer um que tenha a habilidade de ser bem-sucedido; iii) a *narrativização*, a história conta o passado e trata o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável.
- ii) *A Dissimulação*, afirma que elas podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas ou representadas de modo a desviar nossa atenção. Entre as estratégias, temos: i) o *deslocamento*, quando um termo usado para se referir a um objeto ou pessoa é usado para se referir a outro, transferindo conotações positivas ou negativas para este outro objeto ou pessoa; ii) a *eufemização*, quando ações, instituições ou relações sociais são descritas de modo a suscitar valorações positivas; iii) o *tropo*<sup>10</sup>, é o uso figurativo da linguagem, mais comum na literatura, embora esteja também presente nas formas simbólicas audiovisuais.
- iii) *A Unificação*, afirma que elas podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção de uma unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independente das diferenças que possam separá-los. Entre as estratégias, observamos: i) a *padronização* (ou *standardização*), quando as formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão; ii) a *simbolização da unidade*, envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, difundidas através de um ou mais grupos.
- iv) *A Fragmentação*, afirma que elas podem ser mantidas pela não unificação das pessoas numa coletividade, isto é, segmentando indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real às classes dominantes. Entre as estratégias, temos: i) a *diferenciação*, a ênfase dada às distinções, diferenças e

- divisões entre pessoas e grupos, apoiando-se nas características que os desunem;
- ii) o *expurgo do outro*, envolve a construção de um inimigo, interno ou externo, retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são proclamados a resistir coletivamente.
- v) A *Reificação*, afirma que elas podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal. Entre as estratégias, encontramos: i) a *naturalização*, quando determinados processos são representados como acontecimentos naturais, de tal modo que seu caráter social é eclipsado; ii) a *eternalização*, quando fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico e representados como imutáveis, permanentes; iii) a *nominalização* (ou *passivização*), são recursos gramaticais e sintáticos e acontecem quando sentenças e/ou descrições de ação dos participantes são transformadas em nomes, ou quando são colocados na voz passiva, eliminando assim o sujeito-produtor desses processos.

É fundamental salientar que Thompson não considera esses cinco modos de operações da ideologia como os únicos existentes, tampouco que operam independentemente uns dos outros. Pelo contrário, eles podem se sobrepor e se reforçar mutuamente, tornando as formas simbólicas ainda mais complexas.

#### 4. Força-Tarefa: A Relação Simbiótica entre Corrupção e Estado

*Força-Tarefa* foi um seriado produzido pela Rede Globo, de 2009 a 2011, contendo três temporadas. Foi escrito por Fernando Bonassi e Marçal Aquino, dirigido por José Alvarenga Jr e Mário Márcio Bandarra. A trama é sobre uma equipe de investigação da corregedoria da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, cuja função é apurar a ação da polícia militar e perseguir os profissionais da corporação, acusados de infringir a lei. Sob o comando do Coronel Caetano (Milton Gonçalves), a equipe possui seis integrantes, o Tenente Wilson (Murilo Benício), a Sargento Selma (Hermila Guedes), o Praça Jorge (Rodrigo Einsfeld), o Cabo Irineu (Juliano Cazarré), o Cabo Oberdan (Henrique Neves) e Sargento Genival (Osvaldo Baraúna). Outros personagens compõem a história, como o ex-policia! Jonas (Rogério Trindade), o informante Samuca (Nando Cunha) e a namorada do tenente, Jaqueline (Fabíula Nascimento).

O seriado apresenta um visual interessante. Com um jogo de luzes semelhante ao cinema e sombras em forte contraste, somos postos diante de um Rio de Janeiro noturno, oculto, inseguro, bem distante da imagem

de “cidade maravilhosa” representada nos cartões postais. A paleta de cores dá um tom melancólico ao seriado, afinal, quem investiga os colegas de trabalho em busca de provas para incriminá-los, aprende a viver em meio à desconfiança e à ameaça de morte. O resultado é um produto audiovisual com cenas de tensão e alívio, provocando satisfação na audiência<sup>11</sup>. Além disso, a oportunidade de ver uma equipe levando à prisão bandidos e policiais corruptos, definitivamente, possui os ingredientes necessários para agradar o grande público.

A reprodução ideológica em *Força-Tarefa* é sutil e reforça conceitos “naturalizados” na sociedade contemporânea. O código de leis é um deles. No episódio 12, o Tenente Wilson invade a casa do traficante Dogão sem mandado judicial, na esperança de encontrar provas para incriminar o delegado Mário Cesar. No dia seguinte, eles conseguem prender o delegado e toda sua equipe. Contudo, na delegacia, Caetano reprime a ação de Wilson. Com poucas palavras<sup>12</sup>, o coronel consegue sintetizar todo o pensamento em torno da questão das leis e a importância delas para uma sociedade “saudável”. Essa passagem suscita duas considerações. A primeira é de que mesmo para prender um delegado corrupto, a lei deve ser respeitada e jamais infringida, pois é ela quem assegura, em grande parte, a noção de que todos são iguais (ela é supostamente igual para todos). A segunda é a de que se o próprio código de leis e os tribunais estão a serviço da classe dominante, detentora do poder estatal, as leis servem para coibir pensamentos de resistência. Ou seja, em ambas reproduz-se que fora das leis, tem-se um mundo bárbaro, caótico e por isso a intenção de segui-la à risca é tão importante e disseminada.

De início, há um aspecto interessante. Todos os personagens corruptos ou bandidos foram interpretados por atores pouco ou nada conhecidos na emissora, salvo um ou outro que já tenha desempenhado papéis de coadjuvante (e de forma bem esporádica). Acreditamos ter sido intencional, a fim de representar uma criminalidade “sem rosto”, passível de surgir em quaisquer níveis sociais, em qualquer lugar e hora. Afinal, quando se investiga a “própria” instituição, todos podem se tornar suspeitos a qualquer momento.

Dividido em doze episódios, cada um deles apresenta uma trama independente. No entanto, há um arco dramático que atravessa toda a temporada, revelando uma transformação dos personagens. Eles são parte de uma polícia que resolve os problemas, afinal, na corregedoria, “as coisas são diferentes”. Numa matéria da Gazeta do Povo<sup>13</sup> de 2009, nos deparamos com a história de Airton (nome fictício), do Serviço Reservado da PMERJ, um policial cujas funções são as mesmas dos personagens, isto é, levantar informações para prender os criminosos, apreender drogas ou desocupar uma área e averiguar

a veracidade das denúncias. Na matéria, é evidente toda a preocupação com a preservação da identidade destes policiais. Eles nunca participam da captura de criminosos, salvo em último caso, quando não há outro jeito. Inclusive, companheiros de Airton já receberam ameaças e tiveram de mudar o local de suas residências. Por outro lado, vemos um recorrente desleixo quanto ao segredo da identidade real dos personagens. Em vários episódios, o Tenente Wilson se apresenta abertamente pelo verdadeiro nome, como no episódio 11, quando o Sargento Valfrido abre sua carteira, checa seus documentos e descobre que ele é policial. O nome Wilson “poderia” até ser fictício, mas esse descuido faz com que perca certo grau de verossimilhança e reproduza uma imagem de despreparo por parte do Serviço Reservado da PMERJ.

Aliás, esse despreparo é o principal modo de operação observado: a *Dissimulação*. Ele permeia vários episódios ao longo da temporada. Perguntas e observações esdrúxulas por parte da equipe e atitudes infantis durante situações consideradas sérias e graves estão presentes e levantam questões quanto à seriedade e profissionalismo da equipe comandada pelo Coronel Caetano. Por exemplo: no primeiro episódio, eles dão a notícia para a esposa que o marido havia falecido, quando na verdade ele ainda estava vivo (não esperaram pela confirmação do laboratório); depois tiveram de voltar e desmentir a versão anterior, causando desembaraço. Em outra ocasião, Selma tenta fazer contato com Caetano dentro de um banheiro no depósito do investigado. A amante dele (Bárbara Paz) estava próxima, ouviu e entregou o segredo, arruinando os planos dela. No episódio 10, um policial assassina o companheiro de patrulha a sangue frio. O falecido, cujo nome é Duarte, era amigo de Wilson e o tenente, portanto, passa a desconfiar dos motivos que o inquérito e os depoimentos revelam. Na reunião com seus colegas, ele pede ajuda, mas é ignorado e tem de resolver o caso sozinho. Ora, se o Serviço Reservado da Polícia Militar tem como uma das diretrizes principais investigar práticas ilícitas de profissionais da corporação, por que desacreditar o Tenente Wilson diante de uma suspeita válida? Por isso, alegamos que ao retirar da corporação grande parte da seriedade crucial para sua efetiva atividade (dissimulando suas práticas), reforça-se a ideia de um aparelho mal administrado e ineficiente para o combate ao crime.

O segundo modo de operação é o da *Legitimação*, junto com a *Unificação*. Apesar de a equipe contar com uma mulher e isso sugerir certa representatividade, a força feminina e suas qualidades e capacidades são deixadas de lado. No lugar de personagens fortes, cujas características visivelmente poderiam colocá-las no mesmo patamar dos homens, observamos clichês e situações de submissão e dominação masculina. Jaqueline é retratada como uma mulher dependente,

insegura e incapaz de tomar as rédeas da relação (após uma briga, Wilson chega à sua casa e lhe dá de presente uma bolsa no valor de quinhentos reais, comprando, assim, seu perdão). A sargento Selma, corajosa, forte e homossexual, não contribui de maneira efetiva em momento algum para as investigações, o que nos leva a indagar como ela chegou a ocupar esse cargo já que não demonstra talento e eficiência. Além disso, ela ainda é alvo constante das brincadeiras de Irineu. Sempre que possível, ele aproveita a situação para rebaixá-la, como no primeiro episódio, ao insinuar que ela “teria chance com a viúva de Jurandir”. Em outra situação, ela expõe sua ideia durante a reunião, mas Irineu a provoca dizendo que seus dois neurônios femininos funcionaram ao mesmo tempo (uma piada desse tipo num ambiente de trabalho também demonstra a falta de seriedade e comprometimento da equipe com suas funções). Em ambos os casos, ela defende-se atacando seu órgão genital masculino (comparando-o a uma pistola de pequeno calibre), arrancando risos de todos na sala. A contradição nas falas ilumina pontos fundamentais sobre as questões de gênero. Irineu a chama de burra e a humilha por sua opção sexual, mas recebe em troca um comentário de cunho apenas sexual (longe de esbarrar em talento, competência e/ou inteligência), sustentando a ideia de que as mulheres não *devem* ser competentes em um “emprego de homens”.

Mais adiante, a possibilidade de uma mulher atuando na polícia no mesmo nível dos homens é totalmente descartada. No episódio 9, Genival e Irineu, observam de dentro do carro, Selma tocar o interfone na portaria de um prédio. Os dois indagam se ela tem ido à academia para malhar o corpo. Em seguida, Irineu olha para a parte debaixo do corpo dela e diz: “e pensar que tem gente que é contra mulher na PM!”. Essa fala demonstra a real intenção dos policiais acerca da presença de uma mulher na corporação, isto é, eles dividem da mesma opinião das pessoas que são *contra* uma mulher na PM; o que desejam não é uma contribuição feminina competente, mas sim que elas sirvam como objetos de contemplação, com a finalidade única de evocar o lado sexual. Além disso, o roteiro nada apresentou em favor de Selma para que a posição deles seja refutada. Portanto, observamos o papel da mulher ser diminuído e tornar-se mero objeto no ambiente de trabalho, além de unificar a representação feminina em torno de um ideal único, isto é, de sexo frágil e dependente do homem.

Selecionamos o quarto episódio, especificamente, visto que o cenário, uma favela na cidade do Rio de Janeiro, apresenta inúmeros ingredientes ideológicos que atuam no engessamento do imaginário sociocultural brasileiro, legitimando diversas relações de dominação. A trama se desenvolve da seguinte forma: a favela é invadida por milicianos de colete e capuz. Eles

matam suspeitos enquanto avançam e conseguem expulsar os traficantes, assumindo o controle. Em seguida, passam a extorquir os moradores, obrigando-os a contribuir com dinheiro para a “segurança”. Enquanto isso, o Tenente Wilson e Selma alugam uma casa na região para investigá-los. Assim que os dois conseguem capturar imagens com a comprovação da atividade ilícita e criminosa dos milicianos, eles comemoram, pois o Coronel Caetano poderá prendê-los. Na mesma noite da operação da polícia, os traficantes retornam com armas poderosas e os milicianos são presos, restaurando a (des)ordem anterior.

A favela de *Força-Tarefa* se apresenta como um ambiente, sem dúvida, mais hostil do que em outros seriados da emissora. Os milicianos, sedentos pelo poder e pelas recompensas da atividade ilícita, são severos e violentos, agredindo gratuitamente os moradores e instaurando um clima de medo<sup>14</sup>. Há um embate interessante na comparação entre as operações do tráfico de drogas e da milícia na favela. Pela violência retratada, sugere-se que a milícia seja muito pior, pois além de dominados por um grupo, os moradores da favela podem sofrer agressões a qualquer momento, sem motivo algum. Além do mais, pela sucessão de eventos representados, destaca-se os milicianos como uma força desorganizada e incompetente, afastando-se dos dados reais<sup>15</sup>. Na cidade do Rio de Janeiro, ela se tornou uma rede deveras complexa, com elementos atingindo e assegurando o poder legislativo, no caso dos vereadores e deputados estaduais<sup>16</sup>, ou seja, algo inacessível aos traficantes. Por outro lado, o bando comandado pelo chefe Exu (Jonathan Azevedo), embora tenham sido expulsos, conseguem armas mais poderosas e retornam com força total, aparentando uma impecável organização na sua estrutura, o que fortalece o imaginário de “crime organizado”, também bastante distante da realidade.

## 5. Considerações Finais

Neste artigo, pretendemos demonstrar como a ideologia, atrelada às formas simbólicas representadas em *Força-Tarefa* (2009), reproduz relações de dominação e retratam o Serviço Reservado da PMERJ por meio de ações irresponsáveis, pueris e débeis, embora no final de cada episódio eles consigam capturar seus alvos. As situações vivenciadas pelos personagens minimizam a competência e a seriedade desses profissionais enquanto suscitam impressões e ideias de um aparelho estatal inexperiente e ineficaz. Com isso, as formas

simbólicas do seriado atuam no engessamento do imaginário sociocultural acerca da corrupção e da inabilidade governamental para lidar com o crime, privilegiando medidas públicas que apenas alargam os problemas, em vez de contê-los. Observamos também a sustentação de relações assimétricas de poder envolvendo questões de gênero, isto é, as mulheres são retratadas como dependentes dos homens e, no caso de Selma, incapazes até de cumprirem as funções básicas pelas quais são responsáveis.

Em consequência disso, ressaltamos a importância de um olhar crítico sobre os produtos audiovisuais da mídia, principalmente sobre esse aparelho midiático tão poderoso como a televisão, capaz de reproduzir ideias cujos interesses não são universais, mas sim particulares de uma pequena minoria dominante, além de fornecer modelos de grande potência com os quais a população reforça o senso comum e solidifica seu imaginário sociocultural.

## Referências

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- BLACKBURN, Robin. *Guia breve da ideologia burguesa*. Porto: Tipografia Nunes Ltda., 1974.
- COHN, Gabriel. *Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo: Fronteira, 1973.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011.
- ELSTER, Jon. “Belief, bias and ideology”. In: M. Hollis e S. Lukes. *Rationality and relativism*. Oxford, 1982.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.
- LIMA, Venício. “Sete teses sobre mídia e política no Brasil”. In: *Revista USP*, São Paulo, n.61, p. 48-57, março-maio, 2004.
- LÖWY, Michael. *Ideologia e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2009.

## Nota

- 1 Entendemos que a palavra *medium*, em inglês, se refere ao “meio”, enquanto *media* (plural), se refere “aos meios”. Para esta pesquisa, adotamos o derivado, em português, “mídia”, a fim de designar “o conjunto das instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana (Lima, 2004, p.50).
- 2 Apesar da pequena queda nos níveis de audiência das televisões abertas do início do século até hoje, o número de novos usuários das televisões pagas, englobando veículos de entretenimento via streaming e on demand, foi significativo, resultando em um aumento definitivo nas audiências desses conteúdos televisivos em território nacional. Disponível em: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/contra-criese-netflix-audiencia-da-tv-paga-cai-pela-primeira-vez-em-nove-anos--17630>
- 3 Há inúmeros dispositivos de televisões pagas que, atualmente, permitem gravar qualquer programa de televisão para ser assistido em qualquer horário. Além disso, o público já conta com celulares de alta tecnologia que os permitem navegar na internet e assistir conteúdos transmitidos via streaming (envio de informações multimídia através da transferência de dados, utilizando-se a internet).
- 4 Relações assimétricas de poder são as relações de dominação abordadas na análise.
- 5 É de nosso conhecimento o fato de a categoria ideologia crítica estar um pouco distante das discussões acadêmicas brasileiras. No entanto, sustentamos a necessidade de dar prosseguimento ao estudo de suas características e aspectos constitutivos, pois uma compreensão mais esclarecida acerca desse fenômeno converte-se em poderosa arma para uma crítica contundente do atual modo de produção da sociedade e sua reprodução na mídia.
- 6 Terry Eagleton salienta, no entanto, que as ideologias dominantes frequentemente envolvem falsidade. A maioria das pessoas tem um olhar agudo quando se trata de seus próprios interesses e direitos, e a maioria sente-se desconfortável com o fato de pertencer a uma forma de vida injusta. Elas “precisam então acreditar que essas injustiças estão a caminho de serem corrigidas, ou que são contrabalançadas por benefícios maiores, ou que são inevitáveis, ou que não são realmente injustiças. Faz parte da função de uma ideologia dominante inculcar tais crenças” (Eagleton, 1997, p.37).
- 7 O autor menciona a passagem de Lênin, na qual ele explica a natureza da Reificação: “Onde os economistas burgueses viram uma relação entre coisas (a troca de uma mercadoria por outra), Marx revelou uma relação entre pessoas” (Ibid., 1974, p.63).
- 8 É válido ressaltar que as características espaciais e temporais das formas simbólicas divergem em algum grau (ou total) do contexto da produção para o da recepção, como é o caso das obras audiovisuais da televisão. No livro, o autor aborda outras modalidades de transmissão cultural (Thompson, 2009).
- 9 Thompson separa os campos de interação, tirados de Bourdieu, do que ele chama de instituições sociais, que seriam conjuntos específicos e relativamente estáveis de regras e recursos, juntamente com as relações sociais que são estabelecidas por elas e dentro delas.
- 10 Por “Tropo”, o autor entende como uma estratégia, ou grupo de estratégias, como a sinédoque, a metonímia e a metáfora.
- 11 A boa audiência, com média acima dos 20 pontos, garantiu 10 episódios para a segunda temporada, que estreou em 6 de abril de 2010 atingindo o recorde de 17 pontos de audiência.  
Disponível em: <https://ibopetvaudiencia.wordpress.com/2012/02/26/momento-series-a-investigativa-forca-tarefa>.
- 12 “O nosso dever, o nosso compromisso, é cumprir as leis. De fora das leis, o que sobra é a barbárie, a selvageria, é o horror. O horror, tenente. Da próxima vez que você agir sem o meu consentimento e fora da lei, eu juro, eu te expulso da polícia, tenente”.
- 13 Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-policia-militar-sem-farda-blk4lcb53y9cnb0pbbuihiry>
- 14 Na primeira manhã após tomarem o poder, um miliciano vê dois garotos deitados, cobertos por um saco plástico preto e pergunta a um senhor, próximo a eles, se era seu filho. O senhor responde que o filho, a polícia [vocês] já havia tirado dele, e que agora era seu neto. A resposta do miliciano elucida toda a mentalidade dos invasores, “agora vai ser assim, quem presta, fica. Quem não presta, vai embora!”.

- 15 “Em dez anos, milícias passam de 6 para 148 favelas na cidade do Rio”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/09/1508921-em-dez-anos-milicias-passam-de-6-para-148-favelas-na-cidade-do-rio.shtml>
- 16 Matéria do Fantástico. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/08/ex-miliciano-revela-funcionamento-de-milicia-do-rio-de-janeiro.html>